



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PESQUISA



CNPq

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC

RELATÓRIO FINAL

(Ago/2008 – Jul/2009)

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA

Psicologia Comunitária e os paradigmas da Complexidade e da Libertação

NOME DO(A) BOLSISTA: Alana Braga Alencar (CNPq) e Nara Albuquerque Góes
(UFC)

NOME DO(A) VOLUNTÁRIO: Diego Mendonça Viana, Talita Feitosa de Moisés,
Janailson Monteiro Clarindo.

ORIENTADOR(A) DO PROJETO: Profa. Dra. Verônica Morais Ximenes

CENTRO/UNIDADE: Humanidades

DEPARTAMENTO/SETOR: Psicologia

Resumo:

A presente pesquisa, desenvolvida pelo Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) do Departamento de Psicologia da UFC, tem como objetivo geral analisar como os paradigmas da Complexidade e da Libertação se articulam nos marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária. A Psicologia Comunitária trabalha a partir da resignificação de categorias, conceitos e metodologias advindas dos seguintes marcos teórico-metodológicos: Educação Libertadora (Paulo Freire), Biodança (Toro), Teoria Rogeriana (Carl Rogers), Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria) e Psicologia da Libertação (Martín-Baró). A problematização surgiu a partir de questionamentos sobre como se articulavam esses marcos teórico-metodológicos na Psicologia Comunitária. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de leituras e discussões de teóricos da Psicologia Comunitária, da Teoria da Complexidade e da ética da Libertação. Segundo Morin (2003), poderemos entender o termo Complexo como sendo o trabalhar com (junto, em parceria) o plexo (rede, interligações). Ou seja, o fenômeno complexo, ao contrário do que se pensa comumente, é o que se caracteriza por uma rede de fatores. Os principais conceitos discutidos na pesquisa a partir do Paradigma da Complexidade são: princípios dialógico e sistêmico, diálogo, método e transdisciplinaridade, que propiciam a articulação dos marcos teórico-metodológicos. Com a incorporação da Ética da Libertação (Dussel, 1986), trazemos o contexto social da realidade de miséria e desigualdade presente no nordeste brasileiro, especificamente no Ceará. Essa ética está presente de forma diferente nos cinco marcos teórico-metodológicos que dão suporte à Psicologia Comunitária e propiciaram construção de novos conhecimentos que transcenderam essas disciplinas. A Psicologia Comunitária tem como paradigma a “Complexidade” e como ética a “Libertação”, que tem como horizonte a libertação do ser humano.

1. Introdução

Esta pesquisa tem como base a Psicologia Comunitária, desenvolvida no Núcleo de Psicologia Comunitário (NUCOM), espaço acadêmico de extensão, pesquisa e ensino do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará que desenvolve atividades na graduação e na pós-graduação, que é definida como:

uma área da Psicologia Social da Libertação, voltada para a compreensão da atividade comunitária como atividade social significativa (consciente) própria do modo de vida (objetivo e subjetivo) da comunidade e que abarca seus sistemas de relações e representações, modo de apropriação do espaço da comunidade, identidade pessoal e social, a consciência, o sentido de comunidade e os valores e sentimentos aí implicados. Tem por objetivo o desenvolvimento do sujeito da comunidade, mediante o aprofundamento da consciência dos moradores com relação ao modo de vida da comunidade, através de um esforço interdisciplinar voltado para a organização e desenvolvimento de grupos e da própria comunidade. (GOIS,2005, p. 51)

No período de 2006/2007 e 2007/2008 desenvolvemos uma pesquisa financiada pelo PIBIC/CNPq cujo objetivo geral era compreender como se fundamenta a articulação entre os marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária Cearense: Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria), Educação Biocêntrica (Toro e Cavalcante), Educação Libertadora (Paulo Freire), Psicologia da Libertação (Martín-Baró) e Teoria Rogeriana (Carl Rogers) na construção de sua práxis. Os resultados demonstraram que estes marcos teórico-metodológicos estão presentes na Psicologia Comunitária, porém foi evidenciado um questionamento sobre qual ou quais paradigmas unem estes marcos, visto que eles possuem diferentes bases epistemológicas como a fenomenologia e o materialismo dialético e histórico, o que pode propiciar uma inconsistência ou contradição.

A Teoria da Complexidade, desenvolvida e sistematizada por Edgar Morin, que procura abordar as relações entre o empírico, o lógico e o racional opondo-se ao esquema clássico das ciências separadas em especializações e propõem uma visão integradora e multidimensional que através do trabalho transdisciplinar da conta da complexidade do real e a Ética da Libertação, que tem como base a discussão da relação entre o discurso e a prática, práxis, e remete a importância da ciência contextualizada, situada e compromissada (BARO, 1998) com a realidade de opressão e de miséria presente nas populações pobres, podem possibilitar um caminho teórico e metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa.

Então a partir deste problema, formulamos a seguinte pergunta de partida: Como os paradigmas da Complexidade e da Libertação estão presentes nos marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária? Para responder esta pergunta vamos trabalhar com teóricos de várias áreas do conhecimento como: Ciências Sociais (Edgar Morin e Fals Borda), Psicologia (Cezar Góis, Silvia Lane, Maritza Montero e Martin Baro), Educação (Paulo Freire), Filosofia (Enrique Dussel), Antropologia (Rodolfo Rusch) e Teologia (Leonardo Boff).

No paradigma da Complexidade, Morin (2001, p. 44) apresenta uma nova visão de ciência.

Na mentalidade clássica, quando surgia uma contradição no interior de uma argumentação, ela era considerada como indicativa de erro. Isso significa que era necessário voltar atrás e empreender uma outra argumentação. Em

contrapartida, na ótica complexa, quando, pelas vias empírico-rationais se atinge algum tipo de contradições, isso não é sinal de erro, mas de descoberta de uma camada profunda da realidade que nossa lógica seria incapaz de dar conta, dadas as características dessa mesma profundidade.

O pensamento complexo contribui para uma relação transdisciplinar das teorias, no caso desta pesquisa os marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária, que se distancia do somatório de abordagens/teorias/práticas e busca a colaboração das disciplinas que permanecem com sua relativa autonomia para propor uma fusão dos saberes (PRIETO, 2003).

A lógica fragmentadora é substituída por uma compreensão integradora e múltipla dos processos sociais, pela lógica centrada na dialética dos nexos, na variedade de formas, em que se relacionam as partes, níveis, elementos do todo e os possíveis resultantes dessas interações. (PRIETO, 2003, p. 161).

Por meio do Paradigma da Libertação, a história e a cultura do povo latino americano têm possibilitado a construção de uma forma de pensar o homem, o mundo, as relações e a vida na América Latina. Góis (2008) nos convida a pensar no que ele chama Epistemologia da América Latina. Esta epistemologia não implica numa negação do conhecimento produzido em outras épocas, culturas ou lugares, mas remete a importância da ciência contextualizada, situada e compromissada (BARÓ, 1998) com a realidade que atua.

Entendemos, a partir de Paulo Freire, Enrique Dussel e Leonardo Boff, que a vida oprimida e explorada dos países latino-americanos (ameríndios) é vida inferior, subdesenvolvida, uma “vida de menos”, necessária ao desenvolvimento dos países imperialistas e à concentração da riqueza nas mãos de uma burguesia nacional servil dos países ditos desenvolvidos. Podemos dizer que libertação e cidadania fazem parte da vida dos povos ameríndios (latino-americanos), por estes se encontrarem mergulhados na dependência, na condição de países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, uma classificação comum na década dos setenta, mas ainda hoje bastante usada no cenário da “globalização”. (GOIS, 2008, p. 21)

Assumindo esse desafio de um diálogo epistemológico diante do qual a Psicologia Comunitária vem se construindo (BRANDÃO,1999), a pesquisa anteriormente realizada pelo NUCOM começou a esboçar a relação entre os marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária com o Paradigma da Libertação. Ainda que construídos a partir de epistemologias diversas, esses marcos trazem em sua constituição ideológica um compromisso ético-político com o ser humano, a partir do rompimento das relações opressoras e desumanizadoras, apontando para uma *práxis* de que promova a co-construção de seres livres e cidadãos, auto-determinados, “seres-para-si”.(PINHO; MOREIRA; SOMBRA; PIMENTEL,2007)

Como já mencionado, a pesquisa anteriormente realizada pelo NUCOM nos permitiu avançar na investigação de como os marcos teórico-metodológicos dialogam com a Psicologia Comunitária, apontando a interlocução de conceitos, categorias e visões de homem e de mundo. Porém, durante essa investigação, nos deparamos com a possibilidade da presença de alguns paradigmas que fundamentariam essa interlocução. A presente pesquisa surgiu, então, da

necessidade de investigarmos mais profundamente a presença desses paradigmas (Paradigma da Complexidade e Paradigma da Libertação) na construção epistemológica da Psicologia Comunitária, visando um fundamento científico para as investigações realizadas e investigando o possível diálogo entre os citados paradigmas e os marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária.

A presente pesquisa situa-se dentro da estratégia de consolidação do NUCOM (Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC) enquanto centro disseminador de Pesquisa, Extensão e Ensino e do desenvolvimento teórico e prático da Psicologia Comunitária, fortalecendo a atuação do Grupo de Pesquisa: NUCOM - Identidade, Comunidade e Sustentabilidade, vinculado ao CNPq, que vem desenvolvendo pesquisas de iniciação científica desde 2000, além de monografias e dissertações em Psicologia.

2. Objetivos

Objetivo geral:

Analisar como os paradigmas da Complexidade e da Libertação se articulam nos marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária.

Objetivos específicos:

- Analisar os princípios que compõem o paradigma da Complexidade presentes nas obras de Edgar Morin e demais teóricos.
- Analisar os princípios que compõem o paradigma da Libertação presentes na Escola da Latinoamericana da Libertação presentes nas obras de Enrique Dussel (Filosofia), Cezar Góis, Martin Baro, Martiza Montero e Silvia Lane (Psicologia), Paulo Freire (Educação), Fals Borda (Ciências Sociais) e Leonardo Boff (Teologia).
- Identificar os conceitos, as categorias, a transdisciplinaridade, as visões de homem e de mundo da Psicologia Comunitária que estão presentes nos seus marcos teórico-metodológicos sob o referencial dos paradigmas da Complexidade e da Libertação.

3. Metodologia

A presente pesquisa desenvolveu-se a partir de novos questionamentos advindos de aprofundamentos teórico-metodológicos ocorridos durante a pesquisa anterior intitulada “Percorrendo caminhos epistemológicos da Psicologia Comunitária” - ocorrida em duas etapas (2006-2007 e 2007-2008) - realizada pelos integrantes do Núcleo de Psicologia Comunitária. (NUCOM). Tal pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, onde buscaremos compreender melhor a forma como os paradigmas da Complexidade e da Libertação estão presentes nos os cinco marcos teórico-metodológicos (Teoria Histórico-Cultural da Mente, Psicologia da Libertação, Teoria Rogeriana, Educação Libertadora e a Biodança) que compõem a Psicologia Comunitária. Durante a pesquisa anterior, percebemos que os marcos teórico-metodológicos mencionados anteriormente fundamentam-se enquanto saber em duas das principais correntes de conhecimento científico dentro das ciências humanas: a fenomenologia e o materialismo histórico-dialético. Diante dessas constatações, surgiram inconsistências e incongruências epistemológicas às quais podem ser articuladas a partir dos Paradigmas da Complexidade e da Libertação através da transdisciplinaridade e das visões de homem e de mundo. Essa pesquisa é caracterizada pelo seu foco na coleta de dados a partir de bibliografia selecionada acerca das teorias e dos paradigmas citados, não necessitando da presença dos sujeitos para além dos pesquisadores.

A escolha metodológica por uma pesquisa bibliográfica está relacionada com uma base teórica que ela fornece para as pesquisas aplicadas que são desenvolvidas pelos estudantes nas monografias e nas dissertações sobre Psicologia Comunitária no NUCOM. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica compreende oito fases: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação e redação.

Mesmo sendo caracterizada enquanto pesquisa bibliográfica, entendemos como fundamental a utilização de metodologias participativas por acreditar no processo dialógico como fomentador e possibilitador da construção coletiva de conhecimento. O seu caráter participativo foi praticado pelos pesquisadores (estudantes e professora) envolvidos na elaboração e na execução desta pesquisa, através de leituras individuais, coletivas, discussão em grupos, elaboração de relatórios e artigos científicos.

A pesquisa foi organizada tendo com base as fases definidas por Marconi e Lakatos (2003) que serão organizadas dentro de cada etapa da pesquisa:

1ª) Leitura da bibliografia e discussão referente ao Paradigma da Complexidade: análise dos princípios e conceitos que compõe o Paradigma da Complexidade presentes nas obras de Edgard Morin e demais teóricos.

2ª) Leitura da bibliografia e discussão referente ao Paradigma da Libertação: análise dos princípios e conceitos que compõe o Paradigma da Libertação presentes nas obras de Dussel (Filosofia); Cezar Gois, Martin Baró, Silvia Lane e Maritza Montero (Psicologia da Libertação); Paulo Freire (Educação); Leonardo Boff (Teologia) e Orlando Fals Borda (Sociologia).

3ª) Articulação e sistematização dos marcos teórico-metodológicos a partir dos paradigmas da Libertação e Complexidade em busca de maior fundamentação científica e coerência epistemológica: encontros semanais para aprofundamento e socialização das discussões em grupo com todos os pesquisadores seguindo a proposta de metodologias participativas de discussão citadas anteriormente. Por fim, a sistematização das produções bibliográficas em artigos científicos desenvolvidos, conjuntamente, pelos pesquisadores durante o período da pesquisa.

As etapas 1ª e 2ª da pesquisa foram desenvolvidas por dois sub-grupos, um grupo estará responsável pelo Paradigma da Complexidade e o outro grupo estará responsável pelo Paradigma da Libertação, mediante a discussão das indicações bibliográficas escolhidas pelo grupo. A 3ª etapa será desenvolvida através de discussões conjuntas entre os dois subgrupos de pesquisadores que ficaram responsáveis por cada paradigma.

A pesquisa organizou-se a partir da seguinte sistemática de reuniões: encontros semanais de cada sub-grupo, que se constituirão como espaços adequados para o processo de construção coletiva do conhecimento e encontros mensais dos dois sub-grupos para o compartilhamento de dúvidas e de descobertas realizadas pelos pesquisadores

As articulações teóricas e os dados levantados durante a pesquisa foram compartilhados também com os demais integrantes do NUCOM nas reuniões quinzenais deste núcleo e em outros espaços de formação e socialização de conhecimento como de grupos de estudos - relacionados à temática - vinculados ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Buscamos também compartilhar os conhecimentos produzidos no decorrer da pesquisa em eventos como: Encontros Universitários, Encontros de Psicologia Comunitária, Encontros e Congressos de Psicologia, como também, a publicação do resultado da pesquisa em revista científica Qualis A ou B.

Um desafio destes pesquisadores é exercitar uma metodologia participativa em uma pesquisa bibliográfica, visto que ela será desenvolvida por muitos pesquisadores que estão em níveis diferentes de formação, partindo da graduação, do mestrado e do doutorado. Essa atividade entra em consonância com as linhas definidas para a Pós-Graduação Brasileira, a qual estamos vinculados mediante a relação entre a Graduação e o Mestrado em Psicologia.

4. Resultados

Alguns teóricos latino-americanos da Psicologia Comunitária, como Montero (2004, 2006), Lane (1996), Góis (1993, 2005, 2008), Freitas (2007), Rocha e Bomfim (1999) e Ximenes, Nepomuceno e Moreira (2007) trazem contribuições de alguns desses marcos teórico-metodológicos na construção da Psicologia Comunitária. Paulo Freire, Martín-Baró e Vigotski encontram-se presentes em várias discussões em Psicologia Comunitária. No caso da Psicologia Comunitária desenvolvida por Góis (1993), são incorporados Rolando Toro e Carl Rogers.

O primeiro desenho analítico da pesquisa realizou-se na análise dos paradigmas da Complexidade e da Libertação a partir das dimensões ontológica, epistemológica, metodológica, ética e política (MARITZA, 2004). A busca por definições de paradigma teve uma função importante para identificarmos o que chamamos de paradigma. A partir da definição do conceito de paradigma para Kuhn (1994) “são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes da ciência”, complementando com Moraes (2008) que especifica que a mudança paradigmática na ciência no século XX para o século XXI com as descobertas da Física Quântica que “alterou substancialmente os conceitos de causalidade, determinismo e separatividade da mecânica newtoniana que se havia convertido em modelo para todas as demais ciências. Um modelo no qual não havia lugar para as dimensões subjetivas do ser humano, seus valores e os significados de suas experiências anteriores” (p. 28). Então poderíamos considerar a Complexidade como um paradigma, pois ela implantou uma nova forma de analisar os fenômenos. Segundo Montero (1994, p.91), “por paradigma se entiende un modelo, o modo de conocer, que incluye tanto una concepción del individuo o sujeto cognoscente como una concepción del mundo en que éste vive y de las relaciones entre ambos.”

No segundo desenho analítico da pesquisa, nos propomos fazer a análise a partir das dimensões ontológica, epistemológica e metodológica (MORAES, 2008). As dimensões ética e política foram consideradas temas transversais. A Libertação não seria um paradigma, e sim uma postura que está presente na Ética da Libertação. Com a incorporação da Ética da Libertação, trazemos o contexto social da realidade de miséria e desigualdade presente no Nordeste Brasileiro, especificamente no Ceará. Essa ética

está presente de forma diferente nos cinco marcos teórico-metodológicos que dão suporte a psicologia Comunitária e propiciaram construção de novos conhecimentos que transcenderam essas disciplinas.

A presença dos princípios sistêmico, da dialogicidade e da transdisciplinaridade do Paradigma da Complexidade pode nortear as relações entre os marcos teórico-metodológicos: Dialógico - “O princípio dialógico pode ser definido como a associação complexa (complementar/ concorrente/ antagônica) de instâncias necessárias, conjuntamente necessárias à existências, e ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado” (MORIN et al, 2003 p. 36). Esse princípio não exige síntese, apenas coexistência necessária entre conceitos e posturas e Transdisciplinaridade - segundo Weil, D’Ambrosio e Crema (1993), o termo transdisciplinar foi utilizado pela primeira vez por Jean Piaget que afirma a necessidade de que as interações ou reciprocidades entre as pesquisas especializadas acontecessem num sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas. Procurar transcender as disciplinas na tentativa de resolver o que fica além delas. O princípio sistêmico necessita de um maior aprofundamento.

Então pretendemos aprofundar as possibilidades de diálogos e complementaridade desses cinco marcos teórico-metodológicos. Adotamos o princípio da interdisciplinaridade? Já que propomos uma nova disciplina, tendo como referência que “É a partir do conhecimento disciplinar que se vivencia o diálogo, a parceria, a construção coletiva, a colaboração entre pares, enfim, a co-construção de um processo interdisciplinar”. (Moraes, 2008, p. 119) Ou a Psicologia Comunitária ousa mais e propõe a transdisciplinaridade? Procurar transcender as disciplinas na tentativa de resolver o que fica além delas, com base no “princípio epistemológico que implica uma atitude de abertura do espírito humano ao vivenciar um processo que envolve uma lógica diferente, uma maneira de pensar mais elaborada, uma capacidade de percepção mais refinada e depurada da realidade para que ela se faça presente.” (Moraes, 2008, p. 120).

Segundo Moraes (2008), qualquer paradigma tem relações lógicas entre as dimensões ontológicas, epistemológicas e metodológicas, que influenciam suas teorias, princípios e conceitos. A partir das idéias que Montero (2004) apresenta sobre o

paradigma da Psicologia Comunitária, a autora acrescenta as dimensões ética e política com o objetivo de que estas façam parte integral da produção do conhecimento. Incorporamos essas dimensões no eixo transversal, nos marcos teórico-metodológico. A Libertação não seria um paradigma, e sim uma postura que está presente na Ética da Libertação. Com a incorporação da Ética da Libertação, trazemos o contexto social da realidade de miséria e desigualdade presente no nordeste brasileiro, especificamente no Ceará. Essa ética está presente de forma diferente nos cinco marcos teórico-metodológicos que dão suporte à Psicologia Comunitária e propiciaram construção de novos conhecimentos que transcenderam essas disciplinas.

Sobre a ética da Libertação, Santiago (2007) dita que Dussel, como principal representante da Filosofia da Libertação, critica e desconstrói o pensamento ocidental, a “filosofia de centro” que legitimou, historicamente, a opressão do Terceiro Mundo. Segundo Santiago (2007) as filosofias européias minimizaram as culturas invadidas à condição de “não-ser”, pois definiam a natureza humana, sob uma ótica racionalista ocidental européia, utilizando critérios e modos de comportamento do Velho Continente. Assim, Dussel vem propor uma alternativa coerente com a realidade histórica e concreta da América Latina: a Filosofia da Libertação que vem, então, resgatar a “condição de ser” do latino-americano.

Dussel (1986) utiliza-se da influência dessa filosofia européia e em seguida faz uma crítica consistente à Kant, Hegel e Heidegger. “A voz dos oprimidos deve passar, necessariamente, pelo paradoxo de falar a língua do opressor para poder questioná-lo e superá-lo” (SANTIAGO, 2007, p.44). Esta se caracteriza como a primeira fase da trajetória intelectual de Dussel: a ontológica, em que ela desconstrói a idéia do pensamento europeu como conhecimento universal.

Não podíamos contar nem com o pensar europeu preponderante (Kant, Hegel ou Heidegger), porque não incluem como “objeto” ou “coisa” em seu mundo; não podíamos partir daqueles que os imitaram na América Latina, porque é filosofia inautêntica (DUSSEL, 1986, p.190)

Na segunda etapa dessa trajetória, metafísica, ele tenta superar a dialética da ontologia da totalidade na perspectiva opressor-oprimido (SANTIAGO, 2007.),

valendo-se da inspiração de Ricoeur e Levinás. E por fim a terceira fase, a concreta, em que Dussel se debruça numa análise rigorosa dos escritos de Marx e da filosofia analítica, produzindo, então, uma filosofia delineada por uma “conduta política marcante no plano de vida e nas relações com o Outro, especialmente o marginalizado” (SANTIAGO, 2007, p.49).

A discussão do processo de construção da Psicologia Comunitária tem como paradigma a “Complexidade” e como ética a “Libertação”, que tem como horizonte a libertação do ser humano. Essa ética está presente de forma diferente nos cinco marcos teórico-metodológicos que dão suporte à Psicologia Comunitária e propiciaram construção de novos conhecimentos que transcenderam essas disciplinas.

5. Discussão:

Apresentaremos as contribuições que o Paradigma da Complexidade traz para Psicologia Comunitária, especificamente os seguintes conceitos ou princípios: Diálogo, Princípio Dialógico, Método e Complexidade.

Apesar das contribuições recentes que a teoria da complexidade tem trazido para a Psicologia Comunitária, esta já se alicerçava em teorias que primam pela visão crítica frente à realidade. Uma delas é a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire. Tal teoria tem o diálogo como uma de suas categorias fundamentais. Esse diálogo é visto como sendo ligado à idéia de comunicação, diz respeito à possibilidade de participação ativa de pelo menos dois sujeitos pensantes em uma relação. Esta idéia opõe-se à de educação bancária na qual o que fazer educativo é simples ato de transmissão ou extensão de conhecimento (Freire, 1977)

Sem desconsiderar a contribuição dessa perspectiva dialógica freiriana, temos, agora, com a teoria da Complexidade, uma outra visão de diálogo que fornece à Psicologia Comunitária subsídios teóricos para compreender e explicar o que há muito já se mostrava claro na prática do psicólogo comunitário: o diálogo entre diversas teorias tem muito a contribuir com o método do profissional da Psicologia Comunitária.

Tendo em vista essa forma de entender o mundo material e simbólico no qual vivemos, lançamos mão de um dos princípios metodológicos que são necessários para o pensar complexo, na tentativa de enriquecer o debate acerca da Psicologia Comunitária: o princípio dialógico (Morin, 2003)

O princípio dialógico do paradigma da complexidade remete a idéia da possibilidade de convívio e retroalimentação de lógicas que, à primeira vista, parecem mutuamente excludentes. São lógicas que, ao mesmo tempo, complementam-se e se excluem. Tendo em vista que a Complexidade subjaz aos fenômenos, devemos compreender que a relação complexa de variadas instâncias é necessária ao funcionamento dos fenômenos. Sendo assim, podemos compreender como a associação de teorias com origens epistemológicas diferentes podem unir-se e possibilitar a criação de um método que seja útil e rico como é o da Psicologia Comunitária.

Se partirmos do entendimento de Morin (2003), poderemos entender o termo **Complexo** como sendo o trabalhar **com** (junto, em parceria) o **plexo** (rede, interligações). Ou seja, o fenômeno complexo, ao contrário do que se pensa comumente, é o que se caracteriza por uma rede de fatores. De certa forma, já se pode encontrar no próprio termo *complexo* uma aproximação bastante evidente com a práxis (ação seguida de reflexão sobre o que se fez e, em seguida, modificação da ação posterior) da Psicologia Comunitária. Tal afirmação é embasada no pressuposto que a atuação em Psicologia Comunitária pressupõe a identificação, o fortalecimento e a criação de novas redes comunitárias.

Porém, quando partimos para o entendimento da interconexão dos marcos teórico-metodológicos desta área em Psicologia, surge uma certa angústia, pois a teoria estudada pelo NUCOM é entrelaçada e influenciada por várias teorias (Psicologia Histórico-Cultural, Teoria Rogeriana, Biodança, Educação Libertadora e Psicologia da Libertação) que em alguns momentos parecem não conciliáveis. Uma das apostas para o entendimento das articulações entre essas possíveis teorias seria o princípio dialógico da teoria da Complexidade, como já foi citado anteriormente.

Aliás, é importante que se enfatize que tal princípio é muito importante para se pensar a possibilidade de entendimento entre teorias tão diversas. O princípio dialógico aparece como uma categoria teórica fundamental, uma espécie de solo epistemológico que torna possível o entendimento coerente entre Psicologia Comunitária e seus marcos teórico-metodológicos. Esse princípio não exige síntese, apenas coexistência necessária entre conceitos e posturas.

Depois do entendimento do princípio dialógico como elemento de interconexão entre as teorias da Psicologia Comunitária, seguimos com reflexão de algo que já está se consolidado em nossa pesquisa: a aproximação entre o método complexo e o método em Psicologia Comunitária. Percebemos que o método no Pensamento Complexo não é visto como um instrumento pronto, uma ponte através da qual se chega a um fim (ao conhecimento). Antes, é entendido que método e teoria estão implicados numa relação auto-poietica. Como também, há nessa constituição uma influência direta do sujeito do conhecimento, qualificando e estruturando o instrumento conforme suas dimensões particularmente humanas. Por isso, pelo olhar da Complexidade, todo método é falível.

Contudo, por se admitir que o mundo seja constituído por contradições, falibilidade e erro são tomados como parte crucial do caminho do saber (MORIN, 2003).

A Psicologia Comunitária, em sua atuação, propõem a necessidade de uma inserção nos modos de vida da comunidade (GÓIS, 2008), uma atuação forjada na vivência, na ação conjunta do psicólogo e da comunidade. Ela visa a um movimento coletivo de transformação da realidade, comprometendo-se empaticamente e politicamente com o processo. Para tal, utiliza-se de metodologias co-construídas. Nas palavras de Góis (2008) há “um olhar juntos, um compreender juntos um fazer juntos, sem imposição de especialista sobre o morador” (p.74).

Partindo disso, observamos que tanto o método na Psicologia Comunitária como na Complexidade, surge do contato. O método não precede a experiência, o método emerge durante a experiência. (MORIN, 2003). O novo modo de pensar trabalha com a co-construção, com o movimento do imediato, do vivencial.

E, assim como na Complexidade, na Psicologia Comunitária há uma abertura permanente às contradições. Por isso, o método apresenta-se flexível à realidade. Pode-se dizer paradoxalmente que o inesperado é sempre algo esperado nessa forma de atuação. Até o momento, conseguimos relacionar esses aspectos do Paradigma da Complexidade com a Psicologia Comunitária. Apresentaremos a seguir algumas reflexões sobre a Ética da Libertação.

A discussão sobre a relação entre a Ética da Libertação e Psicologia Comunitária, compreendendo que este é um importante questionamento para o avanço de ambas as teorias e nos valendo disso para ressignificá-las nesse diálogo, pretende-se, então, contribuir inicialmente para uma futura sistematização de como a Ética da Libertação se articula dentro dos marcos teórico-metodológicos da Psicologia Comunitária e de como esta se faz presente na sua prática.

No contexto que em que emergiu a Filosofia da Libertação, segundo Guareschi (2009), “havia certo cansaço teórico e epistemológico com certas teorias e conceitos que não mais explicavam as novas realidades que surgiam e os novos anseios dos grupos sociais”. (p.52).

O conceito libertação originou-se de uma situação latino americana de concreta opressão que impede o homem latino-americano de ser pessoa em todos os sentidos e porque é ferido em sua dignidade. Segundo Góis (2008), a possibilidade de vida e libertação é negada pela estrutura social opressora criada pela exploração do homem pelo homem, pela mais valia, pela “(...) ‘vida de menos’, necessária ao desenvolvimento dos países imperialistas e à concentração de riquezas na mão de uma burguesia nacional serviçal dos países ditos desenvolvidos.” (p. 46).

Guareschi (2009) traz que os pressupostos teóricos epistemológicos presentes no conceito libertação são de um tipo diferente e interferem concretamente na vida cotidiana das pessoas. São três os pressupostos epistemológicos implícitos ao conceito de libertação: superação da dicotomia individual-social, superação da dicotomia entre teoria e prática, pois trata o conceito de libertação como indissociável de uma ação concreta. E por fim, o autor traz a introdução de uma dimensão ética, que vai de encontro à neutralidade da ciência, pregada pelo cientificismo e o pragmatismo da Modernidade e propõe uma ciência que representa uma opção ético-política de direcionar-se para superação da dialética da opressão.

O conceito Libertação constitui várias ciências autenticamente latino-americanas, que vem tratar da identidade do latino-americano: vítima, dominada pelo sistema ou excluída, um exilado, sem terra. (SANTIAGO, 2007). Elas representam pra além de um relato e/ou análise da condição do latino-americano, um compromisso com a América Latina, na busca da libertação do seu povo. Guareschi (2009) fala que “as ciências da libertação são, nesse sentido, proféticas, onde o profeta é aquele que, diante de uma situação de injustiça, denuncia o que oprime e anuncia a novidade da libertação” (p.62).

O conceito de Libertação, então, está hoje presente em muitas teorias. Leonardo Boff (1980), teórico da Teologia da Libertação, nos esclarece essa multiplicidade ao colocar a Libertação como Hermenêutica:

A linguagem da libertação, por mais diversas que se apresentem suas ramificações, articula uma nova óptica pela qual se interpreta a história humana no seu presente e no seu passado. Pensar e atuar em termos de libertação em política, em

economia, em pedagogia, em religião, em sociologia, em medicina, em psicologia, em crítica ideológica, etc. implica em uma virada hermenêutica e a entronização de um novo estado de consciência. (BOFF, 1980, p.13)

Porém, a consciência histórica não é apenas uma abstração teórica que chega como um passe de mágica aos sujeitos, por isso, colocamos aqui o conceito de conscientização desenvolvido por Paulo Freire em 1979:

A conscientização implica (...) que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.(...) é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. (FREIRE, 1989, p. 15)

Com a definição de Freire, percebemos que a consciência não está separada da ação – reflexão e que, portanto, só é possível através de um processo de relação com a realidade concreta e pode ser facilitado pela mediação de outras pessoas através do diálogo (Freire, 1982). O oprimido deve conscientizar-se da sua condição de opressão e das causas de sua dominação para, enfim, poder liberta-se enquanto sujeito. Freire ainda afirma que a conscientização não separa o homem de um lado e o mundo do outro, ela está justamente na relação consciência mundo.

Pensando dessa forma, o processo de libertação se confundiria com o processo de conscientização, em sua fase inicial. Porém, Dussel faz uma crítica a essa forma de pensar a libertação, pois compreende que a relação fundamental a qual ele trata na sua

Filosofia da Libertação, não é a relação sujeito-consciência, mas a relação sujeito-sujeito, visto que a opressão não é só um estado de consciência nem é experiência desta, mas uma determinada relação cara-a-cara ou prático-intersubjetiva de dominação (Dussel apud. Martínez, 1998, p.87).

A Psicologia da Libertação é caracterizada como uma Psicologia Social Crítica (Ibañez, 2005), pautada no materialismo e interacionismo dialético, e tem Ignacio Martín-Baró como autor de destaque em sua criação e desenvolvimento. Esta vertente posiciona-se na busca por dar resposta aos graves problemas de injustiça estrutural e desigualdades sociais, situando seu quefazer a partir das circunstâncias concretas dos latino-americanos (Martín-Baró, 1996).

Falar da importância da Psicologia da Libertação para a formação e desenvolvimento da Psicologia Comunitária, a nosso ver, é tocar na necessidade de desenvolver uma práxis transformadora da sociedade capaz de lutar contra as relações de opressão, de servilismo e de violência estruturadas no modo de produção capitalista. É buscar desenvolver trabalhos capazes de contribuir na construção de sujeitos críticos, que promovam a transformação das condições de miséria econômica e opressão política imperantes na América Latina, caminhando para a construção de uma proposta política revolucionária das dimensões micro e macrossocial. (Nepomuceno et al, 2008, 458)

A Psicologia Comunitária compartilha da temática das ciências libertadoras, trazendo, também, um conceito de libertação definindo-a como um processo:

que se realiza com os outros para si e para os outros indivíduos e povos (...). Libertação e cidadania, constituem, portanto, a negação da negação do indivíduo ou povo de serem mais. (...) Libertação e vida irrompem na consciência dos indivíduos e dos povos, notadamente quando o cativeiro em que vivem é descoberto por eles mesmos como cativeiro. (GOIS, 2008, p.46)

Concebemos, então, a Psicologia Comunitária como práxis libertadora (Góis, 2005), inserindo-se como parte de uma Psicologia da Libertação. Trata-se de uma

psicologia contextualizada e crítica, comprometida com as mudanças humanas e sociais, e, por isso, exige um posicionamento ético e político dos Psicólogos que nela atuam.

Partindo da idéia de que a libertação constitui-se uma opção ética da Psicologia Comunitária (Góis, 1994), entendemos que esta surge a partir do momento em que dois ou mais seres humanos estão em relação. Uma opção ética se estabelece na forma como vai ser encarada essa relação entre os sujeitos envolvidos. A Psicologia Comunitária entende essa relação como sendo de respeito em que um sujeito não deve submeter o outro. (XIMENES et al, 2008, p. 12)

Essa opção ética é tratada, por Guareschi (2009) como um pressuposto epistemológico necessário para a utilização do termo Libertação. Santiago (2007) traz que “a busca do bem como resultado da práxis da libertação é uma tarefa difícil que pode colidir com forças superiores e as estruturas vigentes, daí a exigência de uma ética da libertação”. (p.48)

Essa ética da Libertação pode ser visualizada, claramente, na Psicologia Comunitária (GOIS, 1993), como em outras concepções e ciências da Libertação, já supracitadas. Destaca-se, aqui, a presença de uma “utopia libertadora” (SANTIAGO, 2007). O que as diferenciara é quem é o sujeito dessa libertação: o povo, a classe proletária e por fim as maiorias populares. A Psicologia Comunitária propõe o “sujeito da comunidade” (GOIS, 2008), como o agente dessa transformação, onde este entrará em contato com “sua vocação biocêntrica e ontológica de ser livre e ser sujeito, que é seu potencial de vida e sua capacidade de fazer florescer o valor e poder pessoal” (GOIS, 2008, p. 97).

Gois (2005) traz que o objeto de estudo da Psicologia Comunitária é o reflexo psíquico do modo de vida comunitário, ou seja, como os fatores psicossociais forjam o sujeito e o “permitem desenvolver, fomentar e manter o controle e o poder que os indivíduos podem exercer sobre seu ambiente individual e social para solucionar problemas que eles queiram e provocar mudanças nesse ambientes e na estrutura social”. (MONTERO, 1984 apud MONTERO, 2004, p.70). O objetivo da Psicologia Comunitária é o aprofundamento de consciência e o fortalecimento de uma identidade

de “sujeito da comunidade” como responsável e ativo na transformação positiva da realidade.

Em síntese, teríamos a Psicologia Comunitária, como teoria, a Complexidade, como paradigma, e a Libertação, como ética. Os marcos teórico-metodológicos presentes na Psicologia Comunitária, como a Psicologia Histórico-Cultural (Vigotsky, Leontiev, Luria), a Biodança (Toro), a Educação Libertadora (Paulo Freire), a Psicologia da Libertação (Martín-Baró) e a Teoria Rogeriana (Carl Rogers), atuam a partir dos princípios sistêmico, dialógico e transdisciplinar.

6. Publicações:

Capítulo de livro:

Verônica Morais Ximenes e Cezar Wagner de Lima Góis. Psicologia Comunitária – uma práxis libertadora latino-americana. In: Guzzo, Raquel e Lacerda, Fernando. **Psicologia Social para América Latina**. V.2. Campinas: Editora Alínea (prelo)

Apresentação em congressos:

1. Soares, C. A.; XIMENES, V. M. . Psicologia Comunitária e seus marcos teórico-metodológicos. **I Encontro Norte e Nordeste da ABRAPSO** (Belém) 2008.
2. Verônica Morais Ximenes, Nara Albuquerque Góes, Alana Braga Alencar, Diego Mendonça Viana, Talita Feitosa de Moisés, Janailson Monteiro Clarindo. Psicologia Comunitária e os paradigmas da Complexidade e da Libertação. **6º Congresso Norte e Nordeste de Psicologia – CONPSI** (Belém) 2009.
3. Verônica Morais Ximenes, Nara Albuquerque Góes, Alana Braga Alencar, Diego Mendonça Viana, Talita Feitosa de Moisés, Janailson Monteiro Clarindo. Psicologia Comunitária e os paradigmas da Complexidade e da Libertação. **XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO** (Maceió) 2009

7. Referências

- BEORLEGUI, Carlos. **Historia del pensamiento Filosófico Latinoamericano**. Bilbao, Universidade de Deusto, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. São Paulo: Editora Vozes, 1980.
- DUSSEL, E. **Método para uma Filosofia da Libertação**. São Paulo. Loyola, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Trad. Sob a direção de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GÓIS, Cezar Wagner de L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1993.
- _____. **Psicologia comunitária: Atividade e Consciência**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.
- _____. **Saúde comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- GUARESCHI, P. A. Pressupostos epistemológicos implícitos no conceito de Libertação. In: GUZZO, R.S.L.; JUNIOR, F. L. (Org.). **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. P. 49-64.
- MARTÍNEZ, L.M.S. **Enrique Dussel em México**. *Anthropos*, Barcelona, Vol. 180. 1998. <http://www.anthropos-editorial.com/ficha_libro.asp?codart=RA180> Acesso em: 16/05/2009.
- Montero, M. Qué es la psicología comunitaria. In: MONTERO, M. **Introducción a la Psicología Comunitaria: desarrollo, conceptos y procesos**, (1ª ed.). Buenos Aires: Paidós 2004. P. 67-87.
- MORAES, Maria Cândida. **Ecologia do saber: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

OSORIO, J.M.F. Ética e construção social na Libertação latino-americana. In: GUZZO, R.S.L.; JUNIOR, F. L. (ORG.). **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. P. 65-84.

PIVATTO, P. S. Ética da Ateridade. In: OLIVEIRA, M. A. (Org.) **Correntes fundamentais da Ética Contemporânea**. Petropolis, RJ: Vozes.2001. P. 79-98.

SANTIAGO, Gabriel L. **Filosofia da Libertação**. Filosofia Ciência & Vida, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 38-49, abril. 2007.

XIMENES, V. M., MEIRELES, E., VIANA, D.M. et all. **Teoria Rogeriana e Psicologia Comunitária: aprofundando conceitos e articulando com a práxis**. Artigo não publicado.